

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Alfredo Joaquim

registada em 2009-02-09
por

Susana Pires e Jenny Campos

Alfredo Joaquim

Alfredo Joaquim nasceu no dia 28 de Abril de 1917, no Tojo. O pai, Manuel Joaquim, amanhou terra e guardou gado toda a vida. A mãe, Ana da Conceição, também trabalhava na fazenda. Criaram três filhos. As brincadeiras de criança eram ir buscar molhos de mato. Alfredo não podia ir à escola, porque o pai precisava dele para guardar o gado. Aos 7 anos começou a guardar gado. Aos 13 anos foi servir, na Castanheira, também a guardar gado, até aos 16, altura em que foi trabalhar para as estradas. Ainda trabalhou nas Minas da Panasqueira, com a promessa de ganhar mais, mas só andou lá um ano e tal. Voltou para a estrada e daí foi para Lisboa, tratar de animais na Quinta da Caçadeira. Passados dez anos, voltou novamente para as estradas. Conheceu a sua esposa na Mourísia, aos 9 anos. “Namorar era só às fugidas.” Casou em Pomares, “com uma roupa a estrear”. Mas foi na Mourísia que ficaram a viver e criaram os dois filhos.

Índice

Identificação Alfredo Joaquim,.....	4
Ascendência Manuel Joaquim e Ana da Conceição.....	4
Casa Dois andares e duas lojas.....	4
Infância "A minha vida foi a guardar gado".....	4
Educação "O meu pai precisava de mim".....	5
Religião Descalço e com uma roupa qualquer.....	5
Namoro Às fugidas.....	5
Casamento Com fartura.....	6
Descendência Dois filhos.....	6
Percurso profissional O gado, as estradas, as minas e Lisboa.....	8
Costumes Outros tempos.....	10
Lugar "Tudo diferente".....	11
Avaliação "Um romance".....	14

Identificação *Alfredo Joaquim,*

O meu nome completo é Alfredo Joaquim, não tenho mais nenhum. Não tenho outra albarda. Só se for um alcunho qualquer que me tivessem posto, de resto não tenho. O dia em que eu nasci é o dia 28 de Abril de 1917. Foi no Tojo, na freguesia do Piódão.

Ascendência *Manuel Joaquim e Ana da Conceição*

O meu pai era Manuel Joaquim e a minha mãe Ana da Conceição. Irmãos éramos três. Era uma irmã e o meu irmão, que ainda é vivo.

O trabalho do meu pai era a amanhar a terra, primeiro a minha situação era igual à dele, que era guardar o gado, até ir para a tropa. Depois veio da tropa, ainda esteve a guardar gado depois casou-se. E a mim aconteceu na mesma. Era assim.

A minha mãe também era na fazenda a trabalhar, coitadinha. Sabe Deus como. Semeava milho, feijão, batatas. Tudo aquilo por ali fora.

Casa Dois andares e duas lojas

A minha casa era no Tojo, tinha dois andares, fora as lojas por baixo.

Na loja tinha as bebidas e as arcas para ter milho. Todas essas coisas. As lojas era para isso. Havia uma outra ao lado, eram duas, estavam despegadas, tinha o porquito, para se governar pelo ano fora. Tínhamos um quarto para a minha irmã, e um para o meu pai e para a minha mãe e eu era noutra mais o meu irmão. No andar de cima tinha quartos se houvesse alguém de fora, aparecia sempre gente. E no andar de baixo era para a gente. E tinha uma cozinha. A gente ia à lenha, naquele tempo, arrancávamos torgas, no meio do mato, para um lado e para o outro. O meu pai, que Deus tem, empilhou-as a um lado e depois um padre que era ali do Piódão, diz ele:

- "Ó senhor Manuel, você tem aqui ao pé do lume, ainda se acende o lume."

E diz ele, assim o meu pai:

- "Pois é, não tenho onde a pôr."

Depois fez um curralito ao lado, um curralito pequeno e para lá as carregou.

Infância "A minha vida foi a guardar gado"

Quando era pequeno a brincadeira era buscar mato, uns molhitos de mato. Houve um padre que disse:

- "Olhe que o seu filho se quiser ele vai para o seminário."

E diz o meu pai:

- "Ai não que preciso dele para guardar o gadito."

É verdade. A minha vida foi a guardar gado, naquele tempo. E no fim de guardar gado foi para a estrada, de Côja para cima, e tudo por aí fora.

Educação "O meu pai precisava de mim"

Não fui à escola. Entrava para dentro mas voltava logo. O meu pai não me queria meter na escola porque precisava de mim para guardar o gadito. Não podia ir, acompanhei-o até aos 23 anos. Tinha o dinheirito, quando chegava a casa entregava-lhe todo. Foram as tragédias que eu passei.

Religião *Descalço e com uma roupa qualquer*

A doutrina foi o meu pai e a minha mãe que me ensinaram. Quando eu tinha 7 anos o padre de Porto da Balsa, chamava-se padre Júlio, diz ele assim para o meu pai:

- "Põe-no lá a dizer a doutrina."

E ele pôs-me a dizer, chegou a um certo ponto e ele:

- "Pronto, não é preciso mais nada."

E ainda a sei quase toda. Fiz a Primeira Comunhão e tudo por ali fora. Tinha 7 anos, ainda me lembro bem. Foi no Tojo, numa capela que lá tem, já velha. Aquela capela desapareceu e fizeram outra em baixo. Estávamos na missa, depois da missa íamos para casa e pronto. Fui descalço e com uma roupazita qualquer. Não havia dinheiro.

Namoro Às fugidas

Namorar era só às fugidas. Quer dizer, não ia a casa, não deixavam namorar para fora. Naquele tempo era reprimido. A minha mulher fartei-me de a conhecer, eu quando estive na Mourísia tinha 9 anos já ela andava por aí. Naquela altura era um garotozito. Vim para a Mourísia, andei sempre com ela.

Casamento *Com fartura*

Fui para Pomares. Era o padre João, esse coitado já era velhote, mas foi lá o casamento. Eu ia vestido com uma roupa a estrear. Naquela altura já ganhava dinheiro. Comprei o pano, mandei fazer, até foi no alfaiate que mo fizeram, fato, casaco e roupa e tudo. A minha esposa ia com um vestido qualquer, não me recordo. De Pomares viéramos comer à Mourísia. O almoço era carne, isso era com fartura, carne não faltava. Eram umas 10 ou 12 cabeças de gado. Tinha muitos convidados. Era a família.



António, filho de Alfredo, e Ermelinda

Descendência *Dois filhos*

Depois ficámos a viver na Mourísia e tivemos dois filhos. Um é polícia em Lisboa, e outro está num restaurante, chama-se António Barata. O polícia está bem empregado, mas claro não pode ter a gente, só vem à noite, às vezes, trabalha de noite e é assim a vida dele.



José, filho de Alfredo



António, filho de Alfredo, na tropa

Percurso profissional *O gado, as estradas, as minas e Lisboa*

Comecei a guardar gado tinha 7 anos, a guardar as cabritas no meio das serras. Eram oito a nove horas na serra até o pôr-do-sol. Levava um bocado de pão, quando havia era um bocado de carne no pão. Levava queijo. Fazíamos e depois iam vendê-lo a Fajão, num cesto ao ombro conforme calhava. Já não me lembro quanto custavam. Era outro dinheiro. Era patacos. E andava descalço. Até aos 10 anos andei descalço. Ainda me lembra de fazer uns tamanquitos, ainda era pequenito, o cabedal não dava, foi uma chatice, atirava-os "pia além"¹ e andava descalço. Mesmo quando nevava. Ia na Mourísia, para a casa do meu padrinho, ia-se também para guardar as cabritas, e ia descalço havia muito tojo, tinha que estender a capazita, por cima dos tojos para passar descalço. Era triste.

¹por aí além

Alfredo e os lobos

Um dia, eu estava num sítio onde havia uns buracos, era o lacrau a fugir, tudo a fugir e vinha um lobo já com um cabrito, que trazia, tinha 15 dias, e o meu pai disse-me assim:

- "Se algum dia tiveres um lobo que venha para o gado, tu atira-lhe com o capucho."

E eu fui para ir à cabeça, e tiro o capucho, naquele tempo usavam só uma capuchita, quando estava a chover, e ele largou logo o cabrito. O cabrito foi para o meio das cabras e eu atrás do lobo para o outro lado, para cima. Tinha 10 anos.

Quando comecei a servir, na Castanheira, a guardar gado, tinha 13 anos. Andei até aos 16 anos. O meu pai não tinha outra solução que o gadito. Foi quando comecei a ganhar qualquer coisita é que me compraram os meus primeiros sapatos.

Aos 16 anos fui para as estradas. Ganhava 25 tostões. Era com uns carritos, ainda pequeno. Mas já começava a tirar peneda. Depois aos 18 anos eu é que carregava o fogo e fazia os tiros mais outro homem, esse já morreu, até era meu primo. Eu carregava o fogo, é que lidava com aquilo. Era com uma broca, andar com a broca de roda, e outro a bater-lhe, era preciso ter olhinho no que estava a fazer. Era perigoso. Trabalhava com pólvora. Ainda carreguei alguns com dinamite. Íamos ao Senhor do Parrozelos, havia água, depois metia-lhe as mechas, enfiava-lhos para dentro e depois é que rebentavam. Naquele tempo saltava que eu sei lá, parecia um tiro.

Como nas Minas da Panasqueira a gente ganhava mais, era 12 escudos que ganhava, fui para lá, mas as vistas começaram-me a arder da fumaceira que lá ia dentro, depois deixei de ir. Andei só um ano e tal. Trabalhava debaixo do chão, iam para os montes onde a gente andava, chamavam as vagonas para as torgas e enfiava o cascalho por ali abaixo. Era perigoso. Da minha terra, os rapazes novos morreu tudo. Depois tornei a voltar para a estrada, ganhava 6 e 500, e daí fui para Lisboa, andei lá 10 anos.

Em Lisboa arranjei trabalho a tratar de animais. Galinhas, porcos e coelhos. Era assim a minha vida. Tinha 26 anos. Era na Quinta da Caçadeira. Era só eu e o patrão que se chamava Albano Farias. Tratava dos animais para comer, ele poupava na farinha. Tinha a fábrica dele. Depois uma pessoa levava a farinha, depois amassava e botava-lha para dentro. Lá não tinha horas nenhuma. Era

tudo noite e dia sempre a andar. Ganhava 22 escudos. A dormir era com uma mantazita, e deitava-me ali. Era ao pé dos animais, ali é que era a pensão.

Depois voltei para as estradas, até o resto da minha vida. Aí já se ganhava dinheiro, que era oito horas de trabalho. Nas estradas até o Porto da Balsa, fui eu que a ajudei a levar e daqui foi até os Penedos Altos. Fui ali até ao Piódão. Carregava os tiros de cima, as pedras pelo ar vinham parar quase à ribeira. E depois de lá, pronto, acabou. Acabou as estradas, era a amanhar a fazenda.

Costumes *Outros tempos*

"Era uma maravilha"

A matança era no fim do porco estar gordo, é que a gente o matava. Comprava-o a Avô, a Oliveira, era onde calhava. Ia comprar, trazia um porquito e vínhamos a pé de lá para a Mourísia com ele, não havia camionetas, não havia estradas. É verdade. Matava-se com uma faca, éramos três homens. Entrava um, dois, para dentro do curral e quando calhava ia outro, três, quando o porco era grande iam três. Quando ele estava seguro, ia com uma corda e enfiava-lhe no focinho e puxava-o para fora. Depois numa bancada em frente deitava-se o porco. E depois chamuscava-se. Depois no fim de estar chamuscado, rapava-se, lavava-se todo bem lavado, depois ia-se pendurar no chamberil. Depois, começavam a abrir, o sangrador é que o abria, que tirava as tripas fora e as mulherzitas agarravam num alguidar com o enchido e iam para a ribeira lavá-los. No fim de estarem lavadas traziam-nas para casa. Deixavam arrefecer a carne do porco pendurado. E depois desatavam para baixo e começava-se a desmanchar, chamava-se desmanchar, naquele tempo era assim, tirava-se as partes, aquilo tudo. Desmanchava-se para desfazer-se em bocados. Depois tirava-se aquelas fêveras que eram melhores para os enchidos. E depois dali cortavam para um alguidar, botavam-lhe sal dentro do enchido. Ficava um enchido que era uma maravilha. Levavam daqui, às vezes, para Arganil, era um enchido que era uma maravilha. Os presuntos eram a semente para comprar outro porco. Era o dinheiro que havia. Pouco dinheiro. Vendiam esses presuntos para comprar o outro.

Do milho à farinha

O milho tínhamos uma moenda, era na ribeira tocada a água. Levávamos num saco, depois íamos buscar a farinha. A mulher é que amassava, depois enfiava-se para o forno e fazia-se as broas, que era uma delícia. Ainda me lembro. O rodízio por baixo e a água a bater-lhe e a andar de roda. A apanhar a farinha tinha uma colherzita de madeira, com a colherzita já apanhava para o saco. O moinho não era de toda a gente. Cada um tinha o seu. Na Mourísia parece que eram 13 moinhos. Era preciso muita água para andarem. E lá para baixo era no Verão, seis moinhos, tudo com água.

Os santos, a festa e os bailes

No Tojo, a padroeira era a Nossa Senhora do Desterro e era São José. E quando estive em Lisboa, na Piedade, comprei a Nossa Senhora do Desterro e São José, era o meu padroeiro, da minha terra.

Na Mourísia é a Nossa Senhora da Assunção e a Senhora de Fátima. E há dois, esses é que não sei porque há pouco tempo é que vieram para a terra. Era o Santo António e a Senhora da Saúde, a Senhora de Lurdes e a Senhora do Rosário.

A festa da Senhora da Assunção é no dia de Santa Cruz. É o dia 13 de Maio. Para a festa matava-se uma rês. Depois comia-se e tal, armava-se um baile, era aí a dançar. Mas dançava. Até chegou a ter dois bailes. Chamava o Baile da Queirós e o Baile dos Amadurice.

Lugar "*Tudo diferente*"

"Está muito melhor"

Antigamente era tudo diferente na Mourísia. Não havia estradas. Não havia nada. Era os bezerras aí a lavar. Era uma estrada com terra. Com os molhitos às costas. Molhos de mato para a fazenda. Agora está muito diferente do que era. Está muito melhor. Fez-se a estrada da serra para baixo, quando passou por cima, fez-se da serra para baixo, e daqui para o Sobral Gordo e assim sucessivamente. Isto agora está muito melhor do que era dantes. Uma pessoa dantes era tudo às costas. Era uma miséria. A Comissão de Melhoramentos tem feito muito serviço.

Também não havia luz. Era com um candeeiro a petróleo. Para andar na rua à noite era com dois paus na noite escura. Eu quando vim de Lisboa para cima já vinha com outras ideias, que era tudo mais diferente, já tínhamos o motor para fazer luz, até era eu que lidava com ele, ia apagá-lo antes da gente se deitar. E depois fazia sinal para a casa onde estava o patrão, antes de o apagar, tinha de fazer sinal três vezes, e tudo se ia deitar, e eu via mais ou menos, eu estava na cama, fechava o gasóleo.

A água era uma nascente. Agora já não vou buscar a água. Até foi um que estava na Comissão, já morreu, coitado do homem, chamava-se Alberto Dias, esse é que tratou de a água vir para a Mourísia. Eu fartei-me de trabalhar, vim meter os tiros "pia abaixo"², a peneda era rija.

E havia muito mais gente do que agora. Começaram a ir para Lisboa, que dantes poucos iam para Lisboa. Agora é que começaram a ir, e nunca mais voltam. E a gente dava-se bem uns com os outros. Nunca andava zangado com ninguém. Eu não gostava de ficar zangado com ninguém. As pessoas eram felizes. Quando vim para a Mourísia tinha cá família. Gostava de vir para o pé deles, dava-me bem com eles, e eu gostava de vir. Dão-se bem uns com os outros e eu gosto de gente assim. Eu gosto de paz e sossego.

Meses de neve

Os Invernos eram rigorosos. Ui credo! No Tojo era como em todo o lado. A neve era meses aí a tapar. E uma pessoa com a capuchita na cabeça, não havia chapéu, nem nada, andava assim. Dias inteiros, a gente molhada.

Lobisomens e bruxas, isso havia

Lobisomens isso havia. Quando vim para a Mourísia já não havia nada disso. Mas quando estava no Tojo, havia, por volta da meia-noite, a dar a volta à capela e depois desapareciam. Diziam noutros tempos, que chegavam ao serviço que tivesse feito o animal, fazia-se nele, tal e qual. Se era uma raposa, era uma raposa, se era um cão, era um cão, se era um burro, era um burro. Era o que calhava. Eu ouvia falar. Diz que eram homens.

Uma mulher que tivesse sete filhos sem ter uma rapariga, saíam lobisomens. E se tivesse sete filhas e não houvesse rapazes era uma bruxa. Antigamente era assim. Mas eu ainda apanhei algumas, ainda as apanhei. As bruxas na minha

²por aí abaixo

terra. Estava lá uma. Mas depois ela morreu, mas custou-lhe a morrer. Andava um tio meu, chamavam Zé Albino, esse é que a viu, e ela a rir-se. Aquilo acabou.

A cura do barbeiro

Quando alguém ficava doente, estava um no Piódão, que era barbeiro, esse é que se ajeitava, vinha a casa, ou ia-se ao Piódão. Era Francisco Pacheco e o filho dele chamava-se Arnaldo. O filho já não era como ele.

Uma vez eu fui a Côja, e diz ele assim:

- "Então tu vens para aqui e tens um médico bom na tua terra, na tua freguesia, e vens para aqui?"

Não sabia bem. E ele disse:

- "Pois olha que vais lá."

E eu depois tive de lá ir. E ele é que me tratou e tudo isso. O barbeiro. Foi uma coisa que me nasceu na boca e ele tirou-ma. Ele meteu uns ferros, numa braseira de carvão, e eles ficaram encarnados, agarrou naquilo, a carregar, a carregar, quase passou de um lado para outro. O neto dele estava ao pé de mim. Mais tarde, encontrou-me em Côja e diz ele assim:

- "Ó senhor Alfredo e você a aguentar os ferros encarnados a sangue frio."

Tinha uma coisa má. Ele disse:

- "Eu tiro-te isso que isso vai ser a tua morte."

E ele tirou mais. Naquela altura foi lá muita gente.

Correio todos os dias

Havia na Mourísia um carteiro. Fazia o correio todos os dias. Também fui uns dias fazer o correio. Era a pé. Ia da Mourísia direito ao Sobral Gordo, do Sobral Gordo ao Sobral Magro, do Sobral Magro ao Soito da Ruiva. Eram as voltas de cima para aqui.



Casamento de José, filho de Alfredo (23 de Janeiro)

Avaliação "*Um romance*"

Eu estou a explicar as coisas tal como elas são. Isto é um romance. Se a gente soubesse tudo da vida antiga, hoje fazia um romance da minha vida.